REVISTA PAIDEIA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ
Educação Básica e Profissional em Pauta - 28ª ed./2026

O MUNDO DO TRABALHO EM WICKED: PODER, EXCLUSÃO E RECONHECIMENTO À LUZ DE MARX, DURKHEIM E WEBER

Daniela Rodrigues[1]

RESUMO

Este artigo analisa o musical Wicked como ponto de partida para refletir sobre o mundo do trabalho. A trajetória de Elphaba, a perda de espaço dos Animais e a ascensão pública de Glinda permitem examinar quem pode exercer suas capacidades, receber reconhecimento e participar das instituições de Oz. Por meio de uma leitura interpretativa da obra, discutem-se a alienação e o controle das capacidades individuais em Marx, a divisão do trabalho e a solidariedade em Durkheim e as formas de dominação em Weber. Argumenta-se que o musical representa o reconhecimento como uma disputa social: talentos e funções não asseguram inclusão quando instituições e autoridades definem quem merece legitimidade. A analogia com o trabalho contemporâneo ilumina tensões entre competência, pertencimento e poder, sem reduzir a ficção a um retrato direto do emprego assalariado.

Palavras-chave: Wicked; trabalho; reconhecimento; exclusão social; sociologia.

1 INTRODUÇÃO

Em Wicked, musical de Winnie Holzman e Stephen Schwartz, Elphaba chega à Universidade de Shiz marcada pela diferença: sua pele verde provoca rejeição, embora ela possua uma habilidade extraordinária. Ao longo da história, essa capacidade desperta o interesse do Mágico de Oz, enquanto o professor Dr. Dillamond, um Animal falante, enfrenta o avanço de medidas que silenciam e afastam os seus semelhantes. Glinda, por sua vez, aprende a ocupar um lugar de prestígio na ordem pública de Oz (Holzman; Schwartz, 2003). São trajetórias úteis para perguntar como uma sociedade distribui oportunidades, funções e reconhecimento.

1Aluna do 1° Técnico em Teatro Subsequente 2026 do Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina “Fundamentos do Trabalho”, sob a orientação da professora Eliana Maria dos Santos.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o mundo do trabalho a partir dessas situações, em diálogo com Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. O procedimento é uma análise interpretativa de personagens e conflitos do musical, apoiada em conceitos presentes em obras dos três autores. A hipótese é que a competência, isoladamente, não decide quem pode trabalhar, ensinar ou ser ouvido: relações de poder, regras coletivas e formas de legitimação também moldam a posição das pessoas. Oz é uma sociedade fictícia; sua leitura permite formular questões sobre o trabalho real, sem igualar literalmente personagens a trabalhadores assalariados.

2 CAPACIDADES E PODER NA LEITURA DE MARX

Para Marx (1844), a alienação envolve a perda de domínio do trabalhador sobre sua atividade e sobre aquilo que produz. No trabalho alienado, uma capacidade humana passa a responder a finalidades determinadas por outros. A relação de Elphaba com o Mágico oferece uma aproximação crítica com esse problema. Ela espera que sua aptidão mágica possa melhorar a vida em Oz; quando é convocada a demonstrá-la, descobre que o governante deseja colocá-la a serviço do seu projeto de controle. O conflito não decorre da falta de talento de Elphaba, mas da incompatibilidade entre o uso que ela deseja dar a ele e o uso exigido pelo poder.

A cena não representa, em sentido estrito, o trabalho assalariado analisado por Marx: Elphaba não vende sua força de trabalho ao Mágico em uma relação contratual. A analogia está na tentativa de separar a pessoa do sentido de sua própria atividade. O governante reconhece a habilidade quando ela lhe é útil e rejeita sua autonomia quando ela recusa a finalidade imposta. No mundo profissional, isso suscita uma pergunta concreta: de que vale a valorização de uma competência se quem a possui não pode participar das decisões sobre seu uso?

A perseguição aos Animais acrescenta a dimensão da desigualdade. Dr. Dillamond ocupa uma função de ensino, mas sua capacidade de exercê-la se torna vulnerável quando a sociedade passa a tratar seu grupo como inferior. A distribuição das funções não depende apenas do mérito individual; depende

também de quem tem acesso às instituições e de quais grupos podem conservar voz pública. A obra permite, assim, relacionar poder e reconhecimento sem afirmar que toda exclusão retratada em Oz seja idêntica à exploração econômica descrita por Marx.

3 DIVISÃO DO TRABALHO E PERTENCIMENTO EM DURKHEIM

Durkheim (1893) argumenta que a divisão do trabalho não consiste somente em repartir tarefas para produzir mais. Em sociedades complexas, ela pode criar solidariedade porque funções diferentes dependem umas das outras. Para que essa interdependência produza integração, porém, as relações entre pessoas e grupos precisam encontrar regras que não convertam diferenças em impedimentos arbitrários. O caso de Dr. Dillamond é decisivo: retirar dos Animais o direito de falar e ensinar não atinge apenas a sua ocupação, mas também a possibilidade de contribuir para a vida coletiva.

Em Shiz, o constrangimento vivido por Elphaba evidencia a força das expectativas sociais. Sua aparência suscita julgamentos anteriores à avaliação de suas ações. Isso lembra a noção durkheimiana de fato social: maneiras de agir e sentir exteriores ao indivíduo, que exercem pressão sobre ele (Durkheim, 1895). A universidade pode ser um espaço de formação e encontro entre diferenças; também pode reproduzir padrões de aceitação que limitam o pertencimento. Quando a posição social precede a capacidade de participar, a instituição deixa de integrar plenamente aqueles que dela fazem parte.

No trabalho, a exclusão de um grupo não constitui apenas uma perda individual de oportunidades. Ela empobrece as relações de cooperação e enfraquece a confiança nas regras comuns. Em Oz, uma ordem que atribui lugares sociais pela aparência ou pela origem dos indivíduos contraria a promessa de que diferentes capacidades possam se complementar. A questão durkheimiana, portanto, não é simplesmente manter a coesão a qualquer preço, mas indagar que tipo de vínculo coletivo é possível quando certas pessoas são privadas de exercer sua função.

4 AUTORIDADE E LEGITIMIDADE EM WEBER

Weber (1922) distingue formas de dominação conforme as razões pelas quais as pessoas aceitam obedecer. Seu conceito de dominação carismática ajuda a interpretar a imagem grandiosa do Mágico: a população lhe atribui qualidades excepcionais, embora o espetáculo de sua autoridade oculte limites e interesses. Ao mesmo tempo, o governante conta com uma estrutura de agentes, decisões e comunicação pública que faz suas ordens circularem. A combinação de prestígio pessoal e aparato administrativo ajuda a explicar por que a oposição de Elphaba se converte em ameaça política.

É preciso distinguir essa leitura de uma aplicação automática do tipo ideal de burocracia. Oz não aparece na peça como exemplo rigoroso de administração racional legal, impessoal e fundada em normas estáveis. Ainda assim, a organização do governo e a propaganda em torno da “Bruxa Má” ilustram um ponto compatível com Weber: o poder precisa produzir crenças em sua legitimidade para obter obediência. Ao nomear Elphaba como inimiga, as autoridades transformam uma divergência sobre os fins da magia em sinal público de perigo.

Essa dinâmica importa para o mundo do trabalho porque organizações distribuem cargos, reputações e autoridade. Procedimentos podem coordenar atividades, mas os critérios de reconhecimento também podem favorecer quem adere ao discurso dominante e desacreditar quem o questiona. Uma acusação institucional não substitui a análise do que a pessoa fez: em Wicked, a fama negativa de Elphaba diz tanto sobre quem controla a narrativa quanto sobre sua conduta.

5 GLINDA E ELPHABA DIANTE DAS INSTITUIÇÕES

A comparação entre as duas protagonistas reúne as três perspectivas. Glinda alcança visibilidade e aprende a agir dentro das expectativas de Oz; Elphaba recusa colaborar com o projeto do Mágico e perde lugar nas instituições. Não se trata de uma oposição simples entre ambição e integridade. Glinda também enfrenta escolhas difíceis, e Elphaba paga um

custo elevado por sustentar as suas. A amizade entre ambas mostra que uma mesma estrutura oferece possibilidades distintas conforme a reputação, as alianças e o grau de conformidade de cada pessoa.

Pela lente de Marx, a recusa de Elphaba protege o sentido que atribui às suas capacidades. Pela de Durkheim, o afastamento dela e dos Animais expõe os limites de uma coletividade que promete integração, mas pune a diferença. Pela de Weber, a posição pública de Glinda e a perseguição a Elphaba revelam a força das imagens de legitimidade. Juntas, as três leituras mostram por que ter talento e desempenhar uma função não garantem, por si, o direito de participar e ser reconhecido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wicked permite pensar o trabalho como experiência social ligada à atividade, ao pertencimento e à autoridade. O encontro de Elphaba com o Mágico questiona quem decide os fins de uma habilidade; o afastamento de Dr. Dillamond mostra como a exclusão impede o exercício de uma função; e a trajetória de Glinda evidencia o valor social da aprovação institucional. Marx, Durkheim e Weber ajudam a compreender dimensões diferentes desses conflitos, sem que uma teoria esgote o sentido do musical.

A reflexão proposta pela peça permanece relevante fora de Oz. Quando oportunidades dependem de aceitação social, quando o poder controla o uso do talento e quando reputações são construídas por autoridades, trabalhar envolve mais do que executar tarefas. Envolve poder agir com sentido, participar das instituições e ter a própria contribuição julgada de forma justa.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. *De la division du travail social*. Paris: Félix Alcan, 1893. Disponível em: https://classiques.uqam.ca/classiques/Durkheim_emile/division_du_travail/division_travail.html. Acesso em: 24 set. 2026.

DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Félix Alcan, 1895.

HOLZMAN, Winnie; SCHWARTZ, Stephen. *Wicked: the untold story of the witches of Oz*. Musical. Nova York: Gershwin Theatre, 2003. Informações sobre a obra disponíveis em: https://wickedthemusical.com/the-story-of-wicked/. Acesso em: 24 set. 2026.

MARX, Karl. *Economic and philosophic manuscripts of 1844*. 1844. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/ . Acesso em: 24 set. 2026.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1922. Texto sobre dominação legal disponível em: https://classiques.uqam.ca/classiques/Weber/domination_legale_direction/domination_legale_dir_texte.html. Acesso em: 24 set. 2026.